

A PROBLEMÁTICA DO PROFESSOR SUBSTITUTO NA UFSM

Solange Ester Koehler – Psicóloga, Mestranda do PPGE/UFSM

Profª Drª Silvia Isaia – Orientadora- PPGE/UFSM

A presente pesquisa tem como foco o professor substituto da Universidade Federal de Santa Maria. Esse professor está presente em instituições públicas, pois sua tarefa é suprir a falta de docentes de carreira, decorrente de exoneração ou demissão, falecimento, aposentadoria, afastamento para capacitação e afastamento ou licença de concessão obrigatória, conforme a lei nº. 8745/93, a qual não é uma lei específica do professor substituto. A mesma dispõe sobre a contratação por tempo determinado para atender à necessidade temporária de excepcional interesse público, ou seja, essas necessidades poderiam ser de assistência de calamidade pública, de combate a surtos endêmicos, recenseamentos e outras pesquisas, bem como atividades diversas dos órgãos do governo federal. Eis aí uma questão que carrega consigo um problema: não existe uma legislação específica para o professor substituto, o que deixa transparecer o descaso com esse sujeito.

Porém, uma questão está clara: a função dele é substituir. Mas substituir quem? Um professor do quadro efetivo, tendo como quase que por obrigação ser, no mínimo, tão eficiente quanto ele. Entretanto, isso é complicado, pois, muitas vezes, o professor substituto ainda está em formação acadêmica e, na maioria das vezes, sua atuação enquanto docente, em geral e como docente universitário, em específico, é pequena. Acrescido a isso, por vezes é discriminado pelos alunos e, também pelos departamentos e/ou colegas. Alguns alunos, olham firme nos olhos do substituto, apontando o dedo, e dizendo: “queremos aula com qualidade”, como se ele não pudesse fazer isso. Nos departamentos, por vezes, deixam transparecer a ideia da dificuldade de investir nesse profissional, pois logo não estará mais no setor. São vistos, normalmente, como meros provisórios que passam sem deixar lembranças.

Outro diferencial entre o professor efetivo e o professor substituto é a situação econômica. Enquanto o professor efetivo recebe, além do salário, as vantagens próprias da carreira, segundo a lei nº. 8.112 de 11/12/90 o professor substituto recebe o equivalente ao valor de salário estabelecido para o nível 1 da classe da carreira do magistério correspondente à respectiva titulação, calculado o regime de trabalho (decreto nº. 94.644 de 23/07/87). Esse regime de trabalho pode ser de 20 ou 40 horas. Mas o que diz a lei referente à remuneração não é interpretado da mesma maneira pelas IFES, pois há discrepâncias no comportamento destas com relação à questão financeira. Existem universidades que pagam de acordo com a titulação, enquanto que outras não o fazem. No caso da UFSM, é pago o mesmo salário a qualquer professor substituto, independente da titulação, ou seja, o valor referente a graduados. Outro diferencial é que existem universidades em que o professor pode também participar de outras atividades além do ensino, o que é uma contradição, pois a lei nº 8745/93, em seu artigo 9º, define que o professor substituto é proibido de receber atribuições, funções ou encargos não previstos no respectivo contrato entre outras proibições.

Em se falando das universidades, os indícios mais remotos da presença da universidade surgiram na Grécia Antiga, mas somente com a ascensão do Cristianismo é que vão ganhando forma, e por volta do século XII,

segundo Wanderley (1985), extrapolando suas dimensões locais, é que aparecem as primeiras universidades na Europa, destacando-se as Universidades de Paris, Bolonha, Nápoles e Oxford. No restante dos continentes, vçõ aparecendo lentamente. De acordo com Cunha (1986), na quarta década do século XVI, foi fundada a universidade da Ilha de São Domingos, sendo considerada a primeira no continente americano.

Já, o surgimento da educação superior no Brasil, se comparado ao restante da América Latina, pode ser considerado como muito tardio e, segundo Rossato (1989), pode-se dizer que, ainda hoje, a nossa educação sofre as conseqüências disso. No Rio Grande do Sul, a educação superior também chegou tarde, e mais tarde ainda, no interior do estado onde se situa a instituição universitária em foco: Santa Maria. Essa foi fundada em 1960, tornando-se uma das primeiras universidades federais no interior do estado do RS.

Conforme dados do Censo da Educação Superior de 2003, o total de IES soma 1.859 o que perfaz um total de 11,1 %, de instituições públicas, sendo 40% federais, 31,5 estaduais e 28,5 municipais. Cabe à União manter as instituições federais públicas bem como regular o funcionamento das instituições privadas, de forma a garantir a qualidade da educação.

O acesso dos professores ao Magistério Superior Público, é através de concurso público de provas e títulos. Envolve os seguintes níveis: professor auxiliar com graduação (atualmente quase em extinção), professor assistente com o título de mestre e professor adjunto com título de doutor e professor titular com o título de doutor e com exigência de novo concurso público. O professor substituto pode ter até a titulação de doutor, mas por não fazer um concurso para cargo efetivo, como foi visto, só fica temporariamente na função docente.

Há ainda mais uma questão importante que justifica a presente pesquisa: frente aos discentes, os professores substitutos são considerados o sujeito suposto-saber. Segundo Lacan (1970), citado por Zimerman (1999, p.57), *“o nome indica parte de um pressuposto que o analista sabe tudo aquilo que o paciente ignora”*, ou seja, na maioria das vezes, o aluno acredita que o professor sabe “tudo” aquilo que ele busca na universidade. Acredita ainda, que, mesmo sendo substituto, ele tenha estudado bastante e conseguirá sintetizar todas as informações necessárias. Observou-se, ainda, que para um grupo de alunos, o mais importante não são somente os títulos que esse professor substituto possui, mas, especialmente, a maneira de dinamizar os conteúdos a serem desenvolvidos e, acima de tudo, o domínio e a harmonia em sala de aula. Acrescido a isso, percebe-se que a formação do ser humano, ocorre também na prática, na interação com o outro, no processo de construir coletivamente, e não somente em uma simples aula teórica onde o professor repete conceitos dos outros.

Ao estudar o professor substituto, é necessário incluir a experiência que a autora vivenciou enquanto professora substituta no ensino superior, sua inserção, atuação e, mais tarde, desligamento. Foram motivos de alegria, mas também de muita angústia, motivos esses que a impulsionaram a buscar respostas. Não só respostas para si, mas sim como uma maneira de reunir subsídios e compreender como os professores substitutos vivenciaram essa experiência durante seu tempo de contrato temporário. Compreender os sentimentos do professor substituto é, segundo Heller (1982), estar implicado em algo. Se sinto angústia, é por que estou implicado negativamente no meu modo de ser-no-mundo, no meu modo de agir no mundo. Mas isso precisa ficar reprimido, quieto, pois ninguém deve saber o que estou sentindo enquanto professor substituto.

Como incentivo para o desenvolvimento da presente pesquisa tem-se, também, como referência básica,

os trabalhos pioneiros dentro da linha de pesquisa “Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional”, da Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, RS, sobre os processos formativos, mais especificamente sobre as concepções de formação, trajetória, tanto pessoal como profissional dos professores do quadro efetivo da UFSM (Isaia, 2000, 2003a e 2003b).

O interesse desta investigação está intrinsecamente relacionado aos estudos realizados na perspectiva do professor, levando em conta os aspectos pessoais e profissionais e como eles se relacionam. A trajetória pessoal é como o pano de fundo no qual a vida dos professores adquire consistência e significado existencial, enquanto, sua trajetória profissional precisa ser entendida como o processo que envolve o percurso dos professores nas IESs e, em especial o do docente substituto na UFSM.

Para a compreensão da trajetória docente, a primeira questão é saber o que é formação. Qual a noção de formação para o professor universitário que forma para a educação básica e para o exercício da profissão específica. Precisa-se ter claro que a noção de formação envolve o lado pessoal e profissional. Ambos estão sendo produzidos através do período percorrido na vida e os percursos educativos de cada professor durante sua carreira. A dimensão pessoal compreende o desenvolvimento humano e as diversas gerações que se cruzam. A dimensão profissional, além de integrar a pessoal, envolve a formação inicial e os espaços institucionais aonde vai se constituindo a docência a partir das relações que os professores estabelecem com os colegas, com outros membros da instituição e com os alunos. É na trama destas relações que as trajetórias vão se constituindo. Mas o que vêm a ser as trajetórias? Quando se fala em trajetória, contudo, precisa-se compreender tanto o que ocorre na vida pessoal quanto o que ocorre na profissional. Torna-se impossível, quando se fala em trajetória docente, definir os limites do pessoal e do profissional. Como coloca Nóvoa (1992), é impossível separar o eu profissional do eu pessoal.

Quando pensamos em trajetória pessoal devemos compreender as idades que correspondem às fases do desenvolvimento pelas quais cada pessoa passa de acordo com determinados parâmetros de tempo, espaço e estilo de vida. É inerente ao ser humano, pois se desenvolve desde o nascimento, concluindo com a morte. Assim, buscam-se as concepções de desenvolvimento para toda a vida, porém, por perceber que é na fase adulta que os professores iniciam suas atividades, optamos em considerá-la, pois na medida em que ela é susceptível a diversas fontes de influência, condiciona a trajetória profissional. Por sua vez, esta última é constituída pela passagem do professor por uma ou mais instituições. Este é um sistema complexo, onde várias gerações pedagógicas se entrelaçam, não é, portanto um processo linear pois, cada docente vivencia numa sequência diferente.

No caso do Professor Substituto em IFE, a permanência é de no máximo dois anos. Assim sendo, a trajetória profissional é curta, mas irá se integrar nos processos formativos destes docentes.

Procurando sintetizar o que foi descrito acima e fazendo uma metáfora da trajetória pessoal com a profissional, poderíamos associá-la com a coluna vertebral. O lado pessoal é como se fosse a espinha dorsal. Ela sustenta a vida de cada pessoa. Pode-se dizer que a espinha dorsal vai se fortalecendo durante toda a vida, e quando mudanças ou transformações ocorrerem, muda a estrutura, de modo significativo. Acoplada a essa estrutura (espinha dorsal), há as costelas, que são os elementos formativos do lado profissional do professor. Por vezes, o lado profissional exige que ocorram trocas de escolas, de colegas professores, e, obviamente, de alunos, entendendo que cada costela é essa nova vivência. Em se falando do professor substituto, pode-se dizer que a coluna vertebral está

debilitada, pois o sujeito está inserido num meio profissional onde ele não consegue emergir, não somente pelas dificuldades que enfrenta, mas também pelo curto espaço de tempo que permanece: no máximo dois anos.

O objetivo geral do presente trabalho é o de tentar caracterizar como se constitui a trajetória institucional/docente do professor substituto na UFSM, tendo em vista questões voltadas para entraves, conquistas e sentimentos vividos ao longo do contrato temporário de trabalho. Buscando delimitá-lo, formularam-se as seguintes questões de pesquisa:

- 1 – Qual o perfil institucional/docente dos professores substitutos?
- 2 – Quais os principais entraves encontrados, em termos de:
 - a) Docência,
 - b) Relações institucionais (Centros, Departamentos, Coordenações),
 - c) Relacionamento com alunos e colegas.
- 3 – Quais as principais conquistas em termos de:
 - a) Docência,
 - b) Relações institucionais (Centros, Departamentos, Coordenações),
 - c) Relacionamento com alunos e colegas.
- 4 – Quais os principais sentimentos vividos, em termos de:
 - a) Docência,
 - b) Relações institucionais (Centros, Departamentos, Coordenações),
 - c) Relacionamento com alunos e colegas

Para auxiliar na busca de respostas a essas questões, selecionou-se como sujeitos, os professores contratados durante o período de 1999 a 2004, que, no início da pesquisa, compreendia os últimos 5 anos e que tenham permanecido seu tempo máximo de contrato, ou seja, segundo a lei nº. 8745/93, artigo 4º, até vinte e quatro meses. A escolha deve-se ao fato do alto índice de professores nesta situação na instituição em foco. O contrato é sempre feito via departamento, cujo número na UFSM perfaz um total de 65, sendo distribuídos em seus 8 centros: Centro de Ciências Naturais e Exatas (CCNE), Centro de Ciências Rurais (CCR), Centro de Ciências da Saúde (CCS), Centro de Educação (CE), Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH), Centro de Tecnologia (CT), Centro de Artes e Letras (CAL) e o Centro de Educação Física e Desportos (CEFD).

O presente trabalho de pesquisa é de caráter quanti-qualitativo, sendo composto, basicamente, por duas fases distintas. Na primeira, com ênfase na dimensão quantitativa, foi aplicado um questionário, para os sujeitos acima mencionados, perfazendo um total de 310 indivíduos. Esse questionário, para melhor compreensão da sua estrutura, é composto por eixos orientadores das questões apresentadas.

O questionário inicia com o eixo direcionado para os **dados pessoais** dos docentes, objetivando obter informações a respeito de quem é esse professor, sua idade atual, sexo, situação civil, graduação e seus estudos de pós-graduação.

O segundo eixo, denominado **atuação na instituição**, volta-se para questões que envolvem a carga horária, sua relação com o centro que realizou a contratação, as disciplinas ministradas e a carga horária em sala de aula, a quantidade de cursos em que atuou e as outras atividades realizadas durante o contrato.

Em seguida, o eixo **apreciação da atividade docente**, envolve perguntas relacionadas às expectativas de ser professor substituto na UFSM, os entraves durante o contrato, os sentimentos e conquistas.

Esse questionário foi enviado aos professores substitutos em seus endereços residenciais, os quais foram obtidos junto à instituição, porém, antes disso, a autora telefonou comunicando sobre o envio e a importância do preenchimento e retorno dos mesmos, para o sucesso da presente pesquisa. Os dados decorrentes desse instrumento estão sendo trabalhados, através do tratamento estatístico, que permitirá o delineamento do perfil da trajetória institucional/docente do professor substituto da UFSM.

Na segunda fase, a ênfase é direcionada à pesquisa qualitativa, envolvendo uma entrevista semi-dirigida com o objetivo de obter informações mais pormenorizadas a respeito da vivência dos sujeitos enquanto professores substitutos. Para tal, definiu-se entrevistar um professor de cada centro da UFSM, totalizando 8 professores. Essa entrevista será gravada e transcrita, para após a aprovação dos professores entrevistados, ser interpretada via análise de conteúdo, dando origem às categorias explicativas da trajetória docente dos professores substitutos. Os tópicos norteadores da entrevista estão relacionados à vivência docente, ao relacionamento com colegas, alunos e com a própria instituição, como também, aos principais sentimentos desenvolvidos durante o período de contrato.

Os eixos norteadores do questionário serão também contemplados junto com a análise categorial dando, assim, uma visão de conjunto da temática escolhida, ou seja, as possibilidades formativas do professor substituto da UFSM.

Em termos de compreensão da temática escolhida, parte-se de uma breve trajetória histórica do ensino superior, procurando, a partir daí, esboçar a trajetória da constituição da universidade brasileira, e neste contexto, a Universidade Federal de Santa Maria.

De acordo com os resultados parciais obtidos até o presente momento, pode-se observar que há um número significativo de professores substitutos que participam da vida acadêmica da UFSM. Observa-se que, neste período de cinco anos, definidos anteriormente, 712 professores substitutos passaram pela UFSM, sendo que somente 310 permaneceram por até dois anos, excetuando-se os que ainda não haviam completado os seus dois anos permitidos pela lei, na ocasião da aplicação do questionário. Destes 310 sujeitos da pesquisa, em torno de 95% residiam em Santa Maria e, aproximadamente, 5% em cidades vizinhas. Houve uma parcela de 25,8% de participação, ou seja, que devolveram o questionário à pesquisadora. Um total de 6,1% de questionários retornou por falta de localização dos destinatários e um percentual de 68,1 dos questionários enviados, simplesmente não retornou. É interessante fazer notas que os questionários (foram respondidos individualmente), não tiveram aplicadores, o que, sem dúvida, contribuiu para o número reduzido de devoluções.

Foi possível observar ainda que, há professores substitutos, os quais após aprovação no concurso público e terem exercido seu contrato integral, aguardam o prazo de dois anos afastados de atividades públicas federais, conforme determina o artigo 8º da lei nº. 8745, para novamente retornarem, ainda na condição de substitutos. Em função do período de estudo de cinco anos, definido para este trabalho, torna-se um tanto difícil quantificar este número, mas se observado nos últimos 10 anos, verifica-se que em torno de 4,49 % retornam à UFSM como substitutos. Incluso neste percentual estão os professores, que mesmo não tendo completado dois anos de atividades, assumiram um novo contrato. Esses dados demonstram que a vontade de investir na docência superior

como opção profissional permanente é grande.

A partir da coleta dos dados da primeira fase da pesquisa, foi possível verificar que os professores substitutos são, na sua maioria, do sexo feminino, perfazendo um total de 63,2 %. Isso reafirma o que se percebe no contexto nacional: as mulheres dominam a educação, pois somente 36,8% dos professores substitutos são do sexo masculino.

Em se falando do perfil do professor substituto, um total de 80,2%, realizaram a graduação na própria instituição, fato talvez compreensível pela facilidade de acesso às informações junto aos ex-professores e/ou colegas que estejam na instituição. Também, foi possível perceber que na maioria, os professores substitutos, já haviam concluído a graduação, e iniciado o mestrado, ou até concluído, pois 45,5 % desses professores possuíam o título de mestre como o mais alto durante seu contrato, seguido de 20,5% com graduação e 34,1% dos professores com especialização. O que é importante recordar com relação à titulação, é que tanto os professores substitutos com mestrado, ou com especialização ou com graduação, na UFSM, recebiam o mesmo salário, mudando somente em função da carga horária. Sendo que 62,8% tinham o contrato de 40 horas e somente 37,2% o contrato de 20 horas.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Decreto nº. 94.644 de 23 de julho de 1987, Altera o Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos de que trata a Lei nº. 7596, de 10 de abril de 1987. Sancionada pelo Presidente da República Federativa do Brasil.

BRASIL. Lei nº. 8112, de 11 de dezembro de 1990. Dispõe sobre o Regime Jurídico dos Servidores Públicos Cíveis da União, das Autarquias e das Fundações Públicas Federais. Sancionada em 11 de dezembro de 1990, pelo Presidente da República Federativa do Brasil.

BRASIL. Lei nº. 8745, de 09 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a contratação por tempo determinado para atender a necessidade temporária de excepcional interesse público, nos termos do inciso IX do art. 37 da Constituição Federal, e dá outras providências. Sancionada em 10 de dezembro de 1993, pelo Presidente da República Federativa do Brasil.

CUNHA, L. A. *A universidade temporã*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1986.

ISAIA, S. M. Professor Universitário no contexto de suas trajetórias como pessoa e profissional, in MOROSINI, M. C. *Professor do Ensino Superior: identidade, docência e formação*. Brasília: INEP, p.21-34, 2000.

ISAIA, S. M. Formação do professor de ensino superior: tramas na tessitura. In: MOROSINI, M. org. *Enciclopédia de Pedagogia Universitária*. Porto Alegre: FAPERGS/RIES, 2003 a, p.241-251.

-ISAIA, S. M. Professor de licenciatura: concepções de docência. In: MOROSINI, M. org. *Enciclopédia de Pedagogia Universitária*. Porto Alegre: FAPERGS/RIES, 2003 b, p. 263-277.

ISAIA, S. M. O professor de licenciatura, desafios para a sua formação. In: SILVA, D; POLENZ, T. (Orgs.) *Educação e contemporaneidade*. Mudança de Paradigma na Ação Formadora da Universidade. Canoas: Ed. ULBRA, 2002, p.143-162.

NÓVOA, A. Os Professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A.(Org.) *Vida de Professores*. Porto: Porto Editora, 1992.

ROSSATO, R. *Universidade: Reflexões Críticas*. Santa Maria: Editora da UFSM, 1989.

WANDERLEY, L. E. *O que é universidade*. 4ª ed., São Paulo: Editora brasiliense, 1985.

ZIMERMAN, David E. *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica - uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

HELLER, Agnes. *Teoria de los Sentimientos*. 2 ed. Barcelona: Fontamara, 1982.